

FACULDADE BATISTA DE MINAS GERAIS - FBMG
Programa de Graduação em Teologia

Douglas Pereira Fonseca

TEOLOGIA E CULTURA:

**Desafios de um pensar teológico a partir de um diálogo entre
Francis A. Schaeffer e Hans R. Rookmaaker**

Belo Horizonte
2022

Douglas Pereira Fonseca

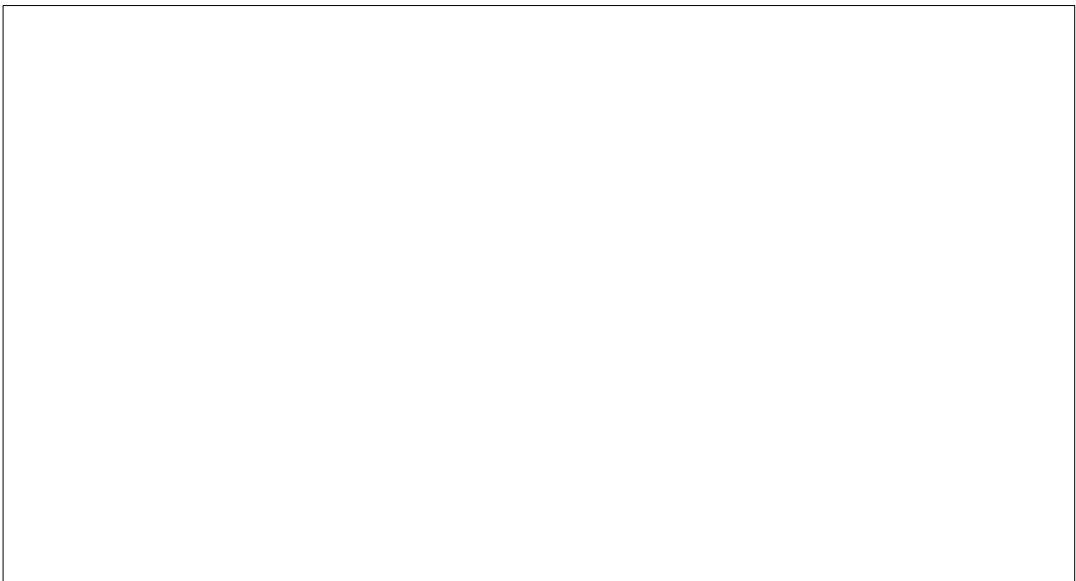
TEOLOGIA E CULTURA:

**Desafios de um pensar teológico a partir de um diálogo entre
Francis A. Schaeffer e Hans R. Rookmaaker**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Teologia da Faculdade Batista de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Tiago de Freitas Lopes

Belo Horizonte
2022



Douglas Pereira Fonseca

TEOLOGIA E CULTURA:

**Desafios de um pensar teológico a partir de um diálogo entre
Francis A. Schaeffer e Hans R. Rookmaaker**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em (dia) (mês) (ano)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tiago de Freitas Lopes (Orientador) - FBMG

Prof. Examinador 1

Prof. Examinador 2

*Á minha esposa, Débora, que me inspira todos os dias a ser
alguém melhor.*

Ao meu filho, Oliver.

AGRADECIMENTOS

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, fica expressa aqui a minha gratidão, especialmente ao professor Dr. Tiago de Freitas Lopes, pela orientação, pelo aprendizado e apoio em todos os momentos necessários.

A minha esposa, Débora, que conhece o mais profundo da minha alma, como ninguém nunca conheceu. Agradeço pelo seu apoio incondicional e pelo seu amor que não tem fim.

Ao meu filho, Oliver, que mesmo antes do nascimento me fortalece a cada dia simplesmente pela esperança de vê-lo em meus braços.

*Não há um centímetro quadrado em todo o domínio de nossa
existência humana sobre o qual Cristo, que é Soberano de
todos, não clama, Meu!*

(Abraham Kuyper)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar como a cultura e teologia podem dialogar entre si e demonstrar os danos históricos causados por essa dicotomia. O método utilizado para essa pesquisa é a pesquisa bibliográfica da obra de Francis Schaeffer, *A Arte e a Bíblia*, e de Hans Rookmaaker, *A Arte Não Precisa de Justificativa*. O primeiro capítulo faz uma definição de cultura e teologia pela visão de Schaeffer. O segundo capítulo propõe uma reflexão acerca do pensamento de Rookmaaker sobre a validade artística para um cristão. Já o terceiro capítulo busca apresentar, pela visão de Schaeffer e Rookmaaker, meios pelos quais os cristãos podem interagir com a cultura e as artes bem como as artes no templo. A conclusão apresenta algumas reflexões para o artista cristão de como fazer a sua arte para a glória de Deus.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Cultura. Teologia.

ABSTRACT

The objective of this paper is to present how culture and theology can dialogue with each other and to demonstrate the historical damage caused by this dichotomy. The method used for this research is a bibliographical survey of the works of Francis Schaeffer, *Art and the Bible*, and Hans Rookmaaker, *Art Needs No Justification*. The first chapter defines culture and theology from Schaeffer's point of view. The second chapter proposes a reflection on Rookmaaker's thought on artistic validity for a Christian. The third chapter seeks to present, from Schaeffer's and Rookmaaker's points of view, ways in which Christians can interact with culture and the arts, as well as the arts in the temple. The conclusion presents some reflections for the Christian artist on how to make his art for the glory of God.

KEYWORDS: Art. Culture. Theology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
-----------------	----

CAPÍTULO 1

Compreensões acerca do pensamento de Francis Schaeffer.....	11
1.1 Breve apresentação de Francis A. Schaeffer.....	11
1.1.1 A Arte e a Bíblia.....	11
1.2 Arte cristã e secular.....	12

CAPÍTULO 2

A validade artística para um cristão segundo Hans R. Rookmaaker.....	15
2.1 Breve apresentação de Hans R. Rookmaaker.....	15
2.2 A crise na arte e a responsabilidade da Igreja.....	16
2.3 O objetivo da arte.....	16

CAPÍTULO 3

Meios pelos quais os cristãos podem interagir com a arte na perspectiva de Francis Schaeffer e Hans Rookmaaker.....	18
3.1 A arte nos templos.....	18
3.2 A arte como arte.....	19
3.3 Um diálogo teológico sobre a arte	20

CONCLUSÃO	22
-----------------	----

REFERÊNCIAS	23
-------------------	----

INTRODUÇÃO

Percebe-se atualmente que a ideia de secularização adentrou nas igrejas, especialmente as de cunho pentecostal, a ponto de construírem uma dicotomia entre o que é secular e o que é sagrado. Por secularização entende-se de atividades não religiosas.

O objetivo deste trabalho é resgatar a ideia de que o cristão é um ser que foi criado nesse mundo juntamente com todas as outras obras de Deus e que, portanto, tudo criado pode ser usado para adorar a Deus.

O título “Teologia e cultura: Desafios de um pensar teológico a partir de um diálogo entre Francis A. Schaeffer e Hans R. Rookmaaker” expressa o desejo de resgatar o entre esses temas através do pensamento de Francis A. Schaeffer e Hans R. Rookmaaker, mais especificamente sobre a arte.

Sabe-se que há várias definições de cultura. Por cultura, esse trabalho compreende o conjunto dos hábitos sociais e religiosos, das manifestações intelectuais e artísticas, que caracterizam uma sociedade diferenciando-a de outras

A pergunta central que move essa pesquisa se dá nos seguintes termos: é possível um protestante manter um diálogo com a cultura em sua volta mesmo está não sendo essa cultura de orientação cristã?

Dessa forma, a principal motivação do presente trabalho é demonstrar que Deus se relaciona com o ser humano por meio da cultura.

Como hipótese, assume-se que a teologia e a cultura dialogam entre si, dessa maneira pode-se relacionar com a cultura e as artes.

A metodologia utilizada será por meio de pesquisas bibliográficas.

Para tanto, tem-se por referência as obras de Francis A. Schaeffer *A Arte e a Bíblia*, e Hans R. Rookmaaker *A Arte Não Precisa de Justificativa*. Schaeffer foi um dos pensadores cristãos mais influentes do século XX. Fundou a comunidade *L’Abri* na Suíça, ministério de alcance internacional. Rookmaaker foi fundador e professor do departamento de história da arte da Universidade Livre de Amsterdã. É, talvez, o principal historiador e crítico cultural protestante do século XX.

O trabalho está dividido em três partes. Após uma introdução, a primeira parte faz uma definição de cultura e teologia pela visão de Schaeffer. A segunda parte

propõe uma reflexão acerca do pensamento de Rookmaaker sobre a validade artística para um cristão. Já a terceira parte busca apresentar, pela visão de Schaeffer e Rookmaaker, meios pelos quais os cristãos podem interagir com a cultura e as artes bem como as artes no templo. A conclusão responde à pergunta inicial considerando que existem diferentes culturas em diferentes ambientes, mas que o cristão protestante pode se envolver com ela, aprender a respeito de Deus e adorá-lo através dela.

CAPÍTULO 1

COMPREENSÕES ACERCA DO PENSAMENTO DE FRANCIS SCHAEFFER

O objetivo deste capítulo é apresentar o teólogo protestante estadunidense Francis A. Schaeffer, bem como suas reflexões no que se refere ao tema da Teologia e Cultura

1.1 Breve apresentação de Francis A. Schaeffer

Francis August Schaeffer nasceu em 30 de janeiro de 1912, em Germantown, Pensilvânia, nos Estados Unidos. Foi um teólogo protestante muito influente no século XX, conceituando a cultura, mais especificamente a arte, para um contexto teológico cristão. Em 1955 ele fundou o *L'Abri*¹ (termo francês que significa “abrigo”), quando ele começou a abrir sua casa para receber estudantes em busca de respostas às suas perguntas sobre Deus, o mundo, e suas vidas pessoais. A partir daí foram fundadas comunidades *L'Abri* na Inglaterra, Holanda, Suíça, América, Canadá e Coréia. No Brasil também há uma comunidade *L'Abri* no município de Lagoa Santa, a 40 quilômetros de Belo Horizonte. O *L'Abri* Brasil desenvolve cinco tipos de atividades: Retiros temáticos realizados em finais de semana; Estudo, até cinco semanas; Escola de Teologia e Vida Cristã, com duração de 6 meses; Ciclos de palestras semestrais; Conferência *L'Abri* anual.

Entre as obras do autor encontram-se *A Morte da Razão* (2014), *O Deus que Intervém* (2019) e *O Deus que se Revela* (2019), no entanto essa pesquisa terá como base uma reflexão na obra *A Arte e a Bíblia* (2010).

1.1.1 A Arte e a Bíblia

A obra *A arte e a Bíblia* foi publicada originalmente em 1973. Na pesquisa, será utilizada a tradução para o português publicada em 2010. Nesse livro, Schaeffer (2010) busca compreender a perspectiva da arte por meio das Escrituras. O objetivo principal da obra é demonstrar que Deus não é utilitarista, ou seja, Ele não criou nada

¹ O site do *L'Abri* no Brasil é <https://www.labri.org.br/>

simplesmente por sua função dentro do cosmos, mas também para expressar sua beleza. Schaeffer (2010, p.15-40) examina os registros bíblicos da utilização de formas artísticas e estabelece uma perspectiva cristã sobre a arte. Podemos citar alguns exemplos da arte na Bíblia.

O relato bíblico descreve no livro de 1º Crônicas 2-5 a construção do Templo pelo rei Salomão, seguindo as ordenanças específicas de Deus a seu pai, Davi. É revelado todos os detalhes da obra, minuciosamente, incluindo toda a parte decorativa que Schaeffer (2010) atenta para o valor da obra de arte na construção:

Portanto, o que deveria existir no Templo? Uma das ordens era que o templo deveria ser preenchido com obras de arte. “Também adornou a sala de pedras preciosas” (2 Cr 3.6). Atente-se para isso: o templo era coberto de pedras preciosas para ornamento. Não havia razão pragmática – elas não possuíam valor utilitário algum. Deus simplesmente queria beleza no templo. Deus se interessa por beleza. (SCHAEFFER, 2010, p.24)

Schaeffer (2010) faz uma crítica a feiura dos templos cristãos hoje em contraponto com o registro bíblico, demonstrando que passaram a ser utilitaristas e esqueceram-se da beleza que é algo exigido pelo Criador.

Outro exemplo é a poesia, algo muito utilizada pelos judeus para representar suas emoções e pensamentos, ao ponto de haver uma divisão bíblica denominada de livros poéticos e de sabedoria, sendo o livro de Salmos o maior deles com 150 capítulos. Porém, a Bíblia por inteira é repleta de poesia como o cântico de Ana em 1º Samuel no Antigo Testamento e os cânticos em Lucas no Novo Testamento.

1.2 Arte cristã e secular

No pensamento desenvolvido por Schaeffer (2010) a arte não glorifica a Deus somente quando se refere diretamente a Ele, mas quando é feito com o coração voltado para o belo. No livro bíblico de 1º Reis 10 narra a construção do trono de Salomão, obra que não tinha um teor sagrado, mas que da mesma maneira está registrado nas escrituras.

Na perspectiva de Schaeffer (2010) não existe dicotomia entre elementos seculares e elementos cristãos.

O cristianismo não é apenas “dogmática” ou “doutrinariamente” verdadeiro; ele é verdadeiro também em relação ao que está diante de nós, verdadeiro em relação a todas as coisas em todas as áreas da existência humana. (SCHAEFFER, 2010, p.18)

No imaginário comum do meio protestante ouvir músicas que não retratam diretamente Deus ou doutrinas bíblicas são consideradas seculares, então ouvi-las se torna pecaminoso, bem como assistir filmes não cristãos, apreciar pinturas e tudo relativo à arte. O teólogo brasileiro Ricardo Gondim (1998) concorda com Schaeffer (2010) quando diz em seu livro *É Proibido: O que a Bíblia permite e a Igreja proíbe*:

A teologia da queda não propõe que os descendentes de Adão sejam incapazes de boas ações. A alienação do pecado não anula completamente a imagem de Deus nos homens. Todos os seres humanos, mesmo os mais vis, ainda carregam traços do Criador. Isto os habilita a praticar boas obras. (GONDIM, 1998, p.81)

Com isso tem-se a ideia de que o cristão protestante é um ser alienado do mundo secular e que deve viver apenas para o que é sagrado. Há documentos antigos de igrejas pentecostais que proibiam, até mesmo, adornos femininos e masculinos por considerarem vaidosos e mundanos

Não se aprecia qualquer arte indiscriminadamente, pois mesmo não sendo cristã a arte deve ser boa e para isso, Schaeffer (2010, p.53) estabelece quatro padrões de julgamento: excelência técnica, validade, conteúdo intelectual (a cosmovisão que está sendo comunicada) e integração entre conteúdo e veículo.

A excelência técnica diz respeito às técnicas empregadas pelo artista em sua obra, como o uso da cor, da forma, do tom, da textura, da tinta, o manuseio das linhas, a unidade da tela entre outras, no caso da pintura por exemplo. Mesmo não concordando com a visão do artista, utilizando esse julgamento podemos saber se é um bom artista ou não.

Validade diz respeito se o artista é honesto consigo mesmo e sua cosmovisão ou se faz o que faz apenas para ser aceito ou por dinheiro.

Conteúdo intelectual serve para avaliar se a obra feita pelo artista representa sua cosmovisão ou se ele está sendo desonesto consigo mesmo. A cosmovisão do artista, portanto, deve ser vista sob a ótica das Escrituras. Neste sentido, Schaeffer (2010, p.55) defende que alguns cristãos julgam que quanto maior a qualidade da arte, menor será a crítica a cosmovisão ou ao conteúdo, quando infelizmente deveria ser

ao contrário. Ele enquadra os artistas em quatro tipos de pessoas: o que nasce de novo e produz arte dentro de uma cosmovisão totalmente cristã, o não cristão que expressa sua cosmovisão não cristã, o que pessoalmente não é cristão, embora sua arte sofra influência da cosmovisão cristã e um último grupo seria aquele que é cristão, nascido de novo, embora não consiga compreender claramente a cosmovisão cristã e diante disso, acaba incorporando aspectos de uma cosmovisão não-cristã. Para Schaeffer (2010, p.55-58), este último é o mais triste de todos.

A integração entre conteúdo e veículo é a análise da correlação entre o estilo e o conteúdo, se a cosmovisão que está sendo representada se relaciona com o veículo. Neste sentido, há muitas dúvidas se a cosmovisão é adequada ao tipo de veículo de comunicação. Embora haja uma distinção entre mensagem e linguagem, pela ótica de Schaeffer (2010, p.58-60) a linguagem deve ser adequada a mensagem que se deseja transmitir, embora nenhuma obra deva ser julgada apenas por este critério.

Teologicamente, a leitura de Schaeffer (2010) pode ajudar a compreender o papel do artista cristão no mundo contemporâneo, bem como, a ausência de arte na igreja atual, em contraste com o Templo no período bíblico.

Conclui-se nesse capítulo que a arte tem importância no Reino de Deus e que Ele exige beleza em todas as ações humanas. O próximo capítulo tratará que a arte tem valor intrínseco a si mesma.

CAPÍTULO 2

A VALIDADE ARTÍSTICA PARA UM CRISTÃO SEGUNDO HANS R. ROOKMAAKER

O objetivo desse capítulo é mostrar pela visão de Rookmaaker como um cristão deve enxergar a arte mesmo que não tenha um teor religioso.

2.1 Breve apresentação de Hans R. Rookmaaker

Henderik Roelof Rookmaaker, mais conhecido como Hans Rookmaaker, foi um teólogo cristão protestante nascido na Holanda em 27 de fevereiro de 1922 e falecido em 13 de março de 1977. Rookmaaker foi fundador e professor de teoria da arte, história da arte filosofia e religião na Universidade Livre de Amsterdã.

É, juntamente com Schaeffer (2010), o principal historiador e crítico cultural protestante do século XX, deixando publicado vários livros abordando as relações entre cultura e cristianismo como também centenas de artigos e departamentos de arte na Europa e nos Estados Unidos. Conheceu pessoalmente Schaeffer em 1948 e se tornou membro do *L'Abri*, abrindo uma filial na Holanda.

Dentre suas obras mais conhecidas estão *A Arte Não Precisa de Justificativa* (2010), *A Arte Moderna e a Morte de Uma Cultura* (2015), *Filosofia e Estética* (2017), *O Dom Criativo* (2017), no entanto essa pesquisa terá como base a obra *A Arte Não Precisa de Justificativa* (2010).

2.2 A crise na arte e a responsabilidade da Igreja

Rookmaaker (2010) em seu livro *A Arte Não Precisa de Justificativa* analisa o retrocesso da arte ao longo da história, principalmente após o século XVIII com o advento do Iluminismo². Houve, a partir desse período, uma ênfase muito grande da razão em detrimento da fé. As questões religiosas não tinham problema contanto que não se envolvesse nas áreas mais importantes da vida, como a ciência, a filosofia, a

² O iluminismo foi um movimento intelectual que começou na Europa a partir do século XVII e ganhou força no século XVIII. Tinha como principais características a valorização da razão, considerada o mais importante instrumento para se conseguir qualquer tipo de conhecimento.

erudição e as artes (ROOKMAAKER, 2010). Com isso a religião foi posta totalmente de lado.

A Igreja falhou bastante nesse período por admitir um tipo de pietismo³ e reduzir as Escrituras a apenas uma vida devocional e ascética. Segundo Rookmaaker (2010) “De forma branda, extensas áreas da realidade humana, como a filosofia, a ciência, as artes, a economia e a política, foram entregues ao ‘mundo’, já que os cristãos de concentravam principalmente em atividades piedosas” (ROOKMAAKER, 2010, p.23). Esse afastamento do “mundo” entendendo que áreas fora da religião são seculares propiciou o retrocesso no mundo das artes. A Igreja tentou mudar esse quadro por meio da pregação do evangelho e de obras de caridade, mas renunciou o diálogo com as ciências fora do “templo” não entendendo que Deus é o Senhor de toda a criação, não somente das atividades religiosas.

Os cristãos têm negligenciado os seus chamados e vocações fora da esfera eclesiástica, com isso aumenta-se a secularização e afastamento da Igreja da esfera pública. Segundo o autor,

Precisamos pensar profundamente no que significa o cristianismo e sua relação com as questões culturais. Por muito tempo, temos tratado a questão com descaso e nos contentado com as palavras das poucas pessoas que lidaram com ela. Na realidade, nosso cristianismo deve ser completamente repensado. Não há reforma sem renovação teológica ou, melhor ainda, sem um fortalecimento das percepções bíblicas. (ROOKMAAKER, 2010, p.32)

2.3 O objetivo da arte

Após o Iluminismo a arte teve uma função pragmática, passou a ter valor comercial e fazer campanhas publicitárias e políticas. Rookmaaker (2010) concorda com Schaeffer (2010) que a arte não tem função intrínseca a si mesma, não sendo necessário ter algum objetivo preestabelecido para criar algo. O objetivo principal da arte é mostrar a beleza.

³ Movimento religioso nascido na Igreja Luterana alemã no século XVII, pondo o acento na necessidade da experiência religiosa individual.

Pense numa árvore. Ela tem muitas funções: tem beleza, pode lançar sombra, serve para os pássaros construírem ninhos, produz oxigênio, serve como lenha ao morrer e muito mais. Não obstante, o sentido da árvore, sua existência e sua realidade, como criatura, não estão nessas funções ou na totalidade delas, mas exatamente em ser uma criatura que deve sua existência ao grande Deus Todo-Poderoso, o Criador. A árvore tem o seu próprio sentido dado por Deus. Ela não é menos árvore quando algumas de suas funções, por alguma razão, não são realizadas. Ao contrário, por possuir um significado, ela realiza muitas funções. (ROOKMAAKER, 2010, p.45-46)

Rookmaaker (2010) afirma que, assim como a árvore, o ser humano tem seu significado por si mesmo e não pelas funções que pode exercer ou por suas características individuais. A arte nem mesmo precisa ser evangelística para ser apreciada por cristãos. Rookmaaker (2010, p.70-75) também estabelece seus padrões de julgamento, mais especificamente ao artista, ao avaliar uma obra, são eles: talento, inteligência, caráter e aplicação.

O talento diz respeito a um presente de Deus. Todo ser humano foi dotado de algum talento que deve ser usado com responsabilidade. A inteligência é a capacidade que o indivíduo tem de dar ordem a complexidade da arte a ponto de conseguir transmitir com clareza seu objetivo. O caráter é a capacidade do artista a se manter fiel a sua arte sem se deixar levar pelo ego, fama ou dinheiro. A aplicação é o quanto o artista se dedica no estudo, criação e execução da sua obra.

Com isso pode-se perceber que o cristão não deve apenas olhar para artes propriamente cristãs, mas que deve estabelecer um padrão de julgamento ao contemplar obras de artistas diversos. Pode-se perceber Deus por meio do talento dado a todo ser humano e desafia cada pessoa usar esse talento da forma correta.

Com isso chega-se ao final desse capítulo concluindo que a arte tem valor em si mesma e que seu objetivo principal é mostrar a beleza.

O próximo capítulo mostrará um diálogo entre Schaeffer (2010) e Rookmaaker (2010) de como os cristãos podem interagir com a arte dentro e fora da Igreja.

CAPÍTULO 3

MEIOS PELOS QUAIS OS CRISTÃOS PODEM INTERAGIR COM A ARTE NA PERSPECTIVA DE FRANCIS SCHAEFFER E HANS ROOKMAAKER

Esse capítulo pretende demonstrar na visão dos dois autores como o cristão deve interagir com a arte dentro e fora da Igreja.

3.1 A ARTE NOS TEMPLOS

Tanto Schaeffer (2010) como Rookmaaker (2010) concordam que a beleza saiu dos templos cristãos dando lugar ao utilitarismo. As igrejas não expressam mais nenhum tipo de arte em sua construção ou arquitetura, deixando-a como inferior, sem importância ou não espiritual. Na ótica do cristianismo atual a função dos elementos denota a real importância e não o elemento em si, como o exemplo da árvore citada por Rookmaaker (2010, p.45-46), ela tem várias funções, mas ela tem valor em si mesma. Mesmo que ela pare de desempenhar essas funções ela continuaria tendo valor.

A crítica dos autores é direcionada a falta de criatividade e desejo de ver beleza nas igrejas, algo que era exigida pelo próprio Criador. Não somente o templo em si, mas falta criatividade e interesse por parte dos cristãos na produção de poesias, músicas e pinturas, sendo produzido muitas vezes para fins comerciais.

Schaeffer (2010) enfatiza a importância que ornamentações dão a igreja e que a beleza faz parte da natureza de Deus. Ele é belo por isso requer que toda sua criação seja bela. “Vá aos Alpes e observe as montanhas cobertas de neve. Não há como contestar. Deus se interessa por beleza. Ele fez as pessoas para serem belas e a beleza tem seu lugar na adoração a Deus.” (SCHAEFFER, 2010, p.25). A falta de ornamentações na igreja pode ser considerado uma afronta para Deus já que Ele próprio exigiu que houvesse no tabernáculo e no templo. É interessante perceber nos relatos bíblicos a quantidade de riqueza e detalhes que tinham no Templo. Em 2º Crônicas 4 nos mostra as ornamentações de forma mais específicas, como uma espécie de piscina de aproximadamente quatro metros de diâmetro e uma capacidade para 10 mil galões.

Debaixo desse tanque, sustentando-o, havia figuras de colocintidas, dez em cada côvado; estavam em duas fileiras, fundidas quando se fundiu o mar. Assentava-se o mar sobre doze bois; três olhavam para o norte, três, para o ocidente, três, para o sul, e três, para o oriente; o mar apoiava-se sobre eles, cujas partes posteriores convergiam para dentro. (SCHAEFFER, 2010, p.26)

A citação acima se refere a algo pouco apreciado na arquitetura dos templos atuais, pois grande parte deles adere a uma perspectiva reducionista e utilitarista do ambiente. Muitas igrejas têm as paredes pintadas de cores pretas, com baixa iluminação, exceto na tribuna, onde a iluminação é mais chamativa lembrando muito um ambiente de casa noturna, fazendo um contraste enorme, por exemplo, com a Capela Sistina⁴ que é extremamente ornamentada e repleta de belas pinturas.

3.2 A ARTE COMO ARTE

Rookmaaker (2010) compreende que a arte não precisa de justificativa, mas ela nunca é neutra, todo artista compartilha da sua cosmovisão. A Palavra de Deus a todo instante mostra que a criação é boa, já no primeiro capítulo da Bíblia, em Genesis 1:31 nos é descrito que “tudo que Deus fez é bom”. Não diz parte da criação ou somente o tocante as coisas religiosas, mas a totalidade das criações de Deus são boas, os seres humanos que podem torná-las ruins.

O artista cristão se vê diante de um conflito quando pensa em exercer seus dons fora do ambiente eclesiástico. A grande dúvida é saber se ele pode exercer esses dons sem, necessariamente, fazer uma propaganda evangelística. Schaeffer (2010) e Rookmaaker (2010) lançam luz sobre essa questão e ambos concordam que o objetivo final da arte é expressar a beleza, assim como o tabernáculo e o templo nas Escrituras continham elementos sem um objetivo específico.

Algo que Schaeffer (2010) chama a atenção é a arte se adaptar a cultura em que está inserida. Não adianta tentar repetir elementos do passado, pois até mesmo a linguagem muda e isso se torna um impeditivo que o impedirá de ser ouvido.

Com o passar do tempo, haverá mudanças não somente nas formas de arte e linguagem, mas também nas formas de arte provenientes de vários lugares e culturas. Vejamos, por exemplo, a poesia hebraica. Ela possui aliterações, paralelismos e outras formas retóricas, mas

4 Localizada no Palácio Apostólico, a Capela Sistina é conhecida por ser decorada com afrescos pintados por grandes artistas da Renascença, dentre eles, o mais famoso é Michelangelo.

raramente rima. Será que isso significa que a poesia hebraica não é verdadeira? Ou será que grande parte da poesia contemporânea é que está errada por rimar? Será que toda poesia deve se adaptar ao estilo da poesia hebraica? Claro que não. Em vez disso, cada forma de arte em cada cultura deve buscar sua própria relação entre cosmovisão e estilo. (SCHAEFFER, 2010, p.62)

Com isso as obras do artista cristão devem refletir sua cosmovisão baseada nas Escrituras. A arte cristã não precisa ser religiosa para expressar elementos divinos como o amor, bondade, justiça e misericórdia. O artista precisa encontrar um equilíbrio para que sua obra não se torne religiosa e nem secular. Existem muitos ambientes eclesiais em que ainda há proibição de usufruir qualquer tipo de elemento ou até mesmo ambientes que não sejam considerados santos e essa dicotomia cria um cristão desconectado do mundo que o cerca sem apreciar toda a vastidão da criação de Deus.

Pode-se contemplar a beleza de Deus bem como seus atributos diante de músicas de artistas não cristãos e até mesmo comunicar de forma evangelística com eles através de seu próprio conteúdo como fez o apóstolo Paulo com os atenienses em Atos 17. Nesse contexto Paulo entrou no areópago, se deparou com várias estátuas de deuses e um lugar vazio escrito “ao Deus desconhecido” e então ele lhes apresentou o Criador. Ele usou um contexto de paganismo como uma brecha para evangelizar aquele povo idólatra. Essa forma de interação social com cunho evangelístico pode ser muito bem empregada se o evangelista conhecer muito bem a cultura ao qual ele está inserido, bem como, conhecer muito bem a teologia.

3.3 UM DIÁLOGO TEOLÓGICO SOBRE A ARTE

Para os autores a arte representa a beleza criada por Deus e a separação criada entre a religião e a arte só tem causado mais prejuízo, tanto para os cristãos como para o mundo como um todo.

A implicação dessa leitura para a Igreja é de que a cultura tem sido negligenciada em prol de uma suposta santidade e isso tem causado danos a mentalidade dividida dos cristãos. Para Rookmaaker (2010) o afastamento da Igreja da sociedade propiciou o retrocesso na cultura e nas artes. Sabe-se que há muitas pessoas extremamente legalistas que não compactuam com a ideia de um cristão ouvir músicas cujas letras não tratam especificamente de temas bíblicos. Schaeffer

(2010) não concorda que toda arte produzida por um cristão deva ter o intuito evangelístico, ela tem valor em si mesma.

Por isso, este trabalho monográfico compreende que a arte tem um grande valor no mundo e que o distanciamento da Igreja em relação a ela tem sido mais prejudicial que benéfico.

O desafio que fica à teologia é o de desmistificar a dicotomia entre cultura e teologia, demonstrado pelos autores, Schaeffer (2010) e Rookmaaker (2010), que as duas podem caminhar juntas e que seria de bom proveito para a Igreja brasileira.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi resgatar a ideia de que o cristão é um ser que foi criado nesse mundo juntamente com todas as outras obras de Deus e que, portanto, tudo criado pode ser usado para adoração.

O primeiro capítulo buscou compreender pela visão de Francis Schaeffer as definições de arte e cultura. O segundo capítulo apresentou as validades artísticas para Rookmaaker. O terceiro capítulo mostra pela visão de Schaeffer e Rookmaaker como um cristão pode interagir com as artes e com os templos atuais.

O presente trabalho confirma a hipótese que teologia e a cultura dialogam entre si, dessa maneira pode-se relacionar com a cultura e as artes. Dessa maneira, o trabalho deixa algumas reflexões para os artistas cristãos.

A primeira reflexão deste trabalho é que Deus se importa com a beleza, Ele é belo e exige que tudo que é feito pelas suas criaturas sejam belas. A arte é algo divino, visto que na Bíblia contém muitos elementos artísticos a mando do próprio Criador.

A segunda reflexão é a respeito da beleza nos templos que foi se esvaindo com o passar dos anos, dando lugar a arquiteturas sem vida e sem cores. O utilitarismo não se encaixa nos padrões divinos.

A terceira reflexão diz respeito aos artistas cristãos que usam sua arte apenas como objeto de evangelização. A arte pode ser usada para este fim, mas ela é muito maior.

Por fim, dado o exposto, faz-se necessário continuar essa pesquisa partindo da visão que os cristãos criaram uma dicotomia entre a cultura e a Igreja, deixando de lado tudo que não for relativo à vida eclesial e assim deixando de servir a Deus em todas as esferas da vida.

REFERÊNCIAS

CULTURA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/cultura/>>. Acesso em: 03/12/2021.

GONDIM, Ricardo: *É proibido o que a Bíblia permite e a igreja proíbe*. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

ILUMINISMO. A razão como instrumento de mudanças sociais, políticas e econômicas. 2021. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/iluminismo>>. Acesso em abril 2022.

L'ABRI. 2021. Disponível em: <[://www.labri.org.br/](http://www.labri.org.br/)> Acesso em abril 2022

PIETISMO. 2021. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Pietismo#:~:text=O%20pietismo%20%C3%A9%20um%20movimento,seu%20auge%20entre%201650%2D1800.>> Acesso em março 2022.

ROOKMAAKER, H. R. *A Arte Não Precisa de Justificativa*. Viçosa, MG: Ultimato, 2010

ROOKMAAKER. Quem é ROOKMAAKER, da música de MARCOS ALMEIDA (Palavrantiga). 2020. Disponível em: <<https://rockdoalto.wordpress.com/2020/01/12/quem-e-rookmaaker-da-musica-de-marcos-almeida-palavrantiga/>>. Acesso em abril 2022.

SHAEFFER, Francis A: *A Arte E A Bíblia*. Viçosa, MG: Ultimato, 2010.

SISTINA, Capela. 2010. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/arquitetura/capela-sistina/>> Acesso em abril 2022.